



Mestrado Profissional em Educação
Universidade Regional do Cariri

Experiência da Travestilidade em "Terra Santa": entre abjeção, transgressão e resistência.

Ana Paula Macedo de Albuquerque
Produto: Cordel

Novembro 2020



Imagem: Nívia Uchôa

Falando em Juazeiro
Conhecendo a cidade
Sabendo do seu roteiro
De religiosidade
Ao padre Cícero Romão:
A terra da santidade

Nem só de fé e oração
Vive essa localidade
O comércio, a indústria
Desenvolvem a cidade
Um povo trabalhador
Com coragem e capacidade

Chamada de “terra santa”
Por toda comunidade
250 mil habitantes
Povoam a localidade
Pra falar da população
Em sua diversidade

Demonstrando aqui
De modo particular
Uma população excluída
Que vive nesse lugar
Por sua identidade
Diferente se mostrar

A sociedade só reconhece
O gênero binário
De homem e mulher
Como hereditário
Ou se nasce azul ou rosa
Únicas cores do vestuário

O que foge a essa regra
Quem não se enquadra no padrão
Acolhendo o arco-íris
Como outra condição
Vai ser marginalizado
Tido como abjeção

Falando das travestis
E sua sexualidade
De gênero dissidente
Da normatividade
Expressas na transgressão
As suas identidades

Pessoas que não encontramos
No centro da cidade
Que não estão no comércio
Nem na universidade
São corpos excluídos
Por sua performatividade

Se não estão no cotidiano
Então, qual é o lugar
Onde a travestilidade
Podemos encontrar?
Na Praça do Giradouro
Do Triângulo Crajubar

Essa segregação inicia
Na infância e no lar
Quando conflitos de gênero
Começam a se apresentar
Estéticas feminilizadas
No mundo a se espalhar

A família não aceita
Da casa há expulsão
Então, vai buscar na rua
Abrigo e proteção
E é nesse momento
Que começa a transição

A escola é outro espaço
De disciplina e exclusão
Aonde a travesti
Não encontra aceitação
Sendo discriminada
Dos alunos à direção

Em busca de auxílio
Encontra nos seus pares,
Outros LGBT,
Alguma oportunidade
De alcançar seu desejo
Com apoio e liberdade

Começam a viajar
Para os grandes centros
Almejando conseguir
Condições pra seu sustento
E para 'fazer o corpo'
Com desejo e sentimento

A realidade é dura
Estando longe do lar
Sofrendo fome e frio
Difícil de imaginar
Encontrando na prostituição
O meio de batalhar

Depois de algum tempo
Muitas voltam para cá
Outras ficam na Europa
E só vêm passear
Mas é das de Juazeiro
Que continuo a falar

É na prostituição de rua
Que as travestis se mantêm
No Giradouro e entorno
Espaço que lhes convêm
No trabalho noturno
A clientela sempre vem

Mas essa condição de vida
Traz muita vulnerabilidade
Estão desassistidas
Da governança da cidade
Expostas a violência
E a mortalidade

Em assassinar LGBT
Somos um país campeão
Estatística perversa
Ao Brasil, nessa dimensão
Infelizmente a letra T
Sofre mais violação

É pela própria polícia
Ou pela omissão do estado
Que não oferece estrutura
Pro povo desamparado
E as travestis nesse meio
De vida precarizado

Expostas a própria sorte
Pra ganhar seu sustento
Ficam na rua e são alvos
De humilhação e xingamentos
Da população que passa
Com seus atos violentos

É de variadas formas
Que a violência aparece
Sendo a física e a verbal
As que mais acontecem
Da cafetina ao cliente
Elas mesmas reconhecem

Com toda a dificuldade
Aqui apresentada
As travestis continuam
Firmes na caminhada
Expondo suas estéticas
E transição realizada

Embora religiosa
Essa cidade seja
Precisa de muita empatia
Com as travestis que veja
Pois a mão que reza o terço
É a mesma que apedreja

Um desejo a alcançar:
Desconstruir preconceitos
Deveria do Padre Cícero
Ser um de seus preceitos
Pois as travestis são pessoas
Em dignidade e direitos

E pra finalizar
Como aspecto crucial
Políticas públicas de inclusão
É método fundamental
De reparação histórica
E justiça social

“É preciso estar atento e forte”

Aprendi nessa experiência

Que suas vidas vivíveis

São celeiros de potência

Não podemos esquecer:

Travesti é resistência!

Obrigada!